

Dois médicos na marginal de Gaia

Júlio Machado Vaz

médico psiquiatra e escritor

Resumo: O autor reflecte sobre os seus sublinhados em *Estamos no Vento*, de Fernando Namora. Sublinha-lhes a actualidade, numa breve análise da sociedade contemporânea. Daí parte para um diálogo com o médico/ escritor/artista Namora, tendo o Porto em pano de fundo, numa deriva que desagua no amor partilhado pela obra de Serge Reggiani.

Palavras-chave: Literatura, medicina, Porto, sociedade, *Estamos no Vento*

Abstract: The author reflects on his underlines in *Estamos no Vento*, by Fernando Namora. It underlines their timeliness, in a brief analysis of contemporary society. It follows a dialogue with the physician/ writer / artist Namora with Porto in the background, in a drift that flows into the love shared by the work of Serge Reggiani.

Keywords: Literature, medicine, Porto, society, *Estamos no Vento*

Literatura e Medicina. O temor reverencial perante a primeira, a busca interminável da coerência no exercício e ensino da segunda. Namora... A culpa por regresso há muito adiado, meu pai franziria o sobrolho, citando académico francês - “*je ne lis plus, je relis*”. Eu ainda leio, mas sobretudo no âmbito da profissão; coxeio, rabugento, na pegada de artigos que brotam como cogumelos, todas as manhãs me sinto um pouco mais desactualizado. E contudo a Inteligência Artificial não resolverá o problema, a medicina como a entendo não se faz apenas da acumulação de dados e sua articulação, precisa de os integrar no nosso vivido, a consulta é um encontro de dois Sujeitos pensantes e com memórias genuínas.

O caos ordenado das minhas estantes, o primeiro que atrair o olhar... “Estamos no vento”. A ironia do encontro, sinto-me cada vez mais parado, cabeça e joelhos esforçam-se por não vergar. Manuel Alegre adulterado, pergunto ao vento que passa por sonhos e genica, ele cala a desgraça; nada me diz; quem cala, consente. Revejo os meus sublinhados, é sempre instrutivo perceber quais persistiram à voragem dos anos. Ele - “Que olhos tem um homem de cinquenta anos para ver a nova face do mundo?” E uma paleta de hipóteses: passivos, ressentidos, ferozes, receosos, eufóricos... O conselho sábio - “...pois um frutuoso meio de permanecer dinâmico é pôr-se em causa incessantemente, é o gosto de ir em diante agindo, já que o fazer modifica o ser, reconstruindo-o, reanimando-o”.

Maldigo acaso e tropeço do olhar, mesmo com a desculpa de carregar mais vinte anos às costas a frase provoca-me um desconforto revestido a angústia. Fazer batota e escolher outro livro. O mal está feito, mesmo com a memória em 33 rotações não vou esquecer - ponho-me em causa incessantemente e quanto a “permanecer dinâmico...” e “ir em diante agindo...”, estamos conversados e assustados; tenho dúvidas. Quão ambicioso devo ser? Já me bastaria não desmerecer a confiança em mim depositada, articular Namora com um cisco do meu trabalho, não envergonhar os versos do João Luís, que me antecede na ordem de trabalhos.

(Raio de sorte!, falar a seguir a um poeta, essa raça que nos oferece a pérola sem obrigar a parto da ostra. Na Idade Média, clérigos nos seus *scriptoria* e delírios disseram o mesmo de Maria, Jesus nascera sem gemido, esgar ou latejo da Mãe. São Bernardo horrorizado por assim lhe roubarem a humanidade, como poderia Ele ser filho de Deus e do Homem se a mulher que o embalara tanto diferia das outras, aquele afã de pureza sem igual manchava o estatuto do Salvador.)

Divago, como sempre, o que vou dizer sem ofender a poesia?

Segundo sublinhado - “Cidades sem tom nem som, ia a dizer. O fenómeno da urbanização acelerada, com subúrbios-dormitórios que não param de crescer, gerou desequilíbrios sociológicos e morais até agora só parcialmente rastreados. Sob o caudal de arribadiços, que se desconhecem e continuam a desconhecer-se, que vêm para competir, a que as próprias imposições da concorrência instilam a instabilidade, hoje num bairro, amanhã noutra, assiste-se ao desaparecimento dos grupos que constituíam a colmeia de outrora, com os seus locais de convívio, a taberna, o café, a família prolongada nos vizinhos, nos amigos e a todo o passo imaginando pretextos de se intercomunicar. A juventude, aliás, reage a seu modo a esta dissolução, criando as suas redes privadas de companheirismo, porém mais efémeras e superficiais”.

A tentação. Ressuscito Namora e a curiosidade pelo seu mundo circundante e o que viria; retalho o parágrafo, cubro de véus plagiados as palavras do médico/analista social - pois não é o plágio uma forma de admiração e homenagem? -, liberto-o ao vento contemporâneo. A ele e aos seus olhos, vou(o) à sua boleia e custa, faço minhas preocupações velhas de quarenta e cinco anos, declaro-as - e bem! - apeadeiros na viagem da Antropologia Médica. O que ainda melhor mascara roubo com tanto de descarado como de clandestino, eis-me saído em segurança aliviada do meu (estranho) destino. Sim, porque o ditado diz que todos os caminhos a Roma vão dar, mas eu sou português e sedento de descentralização, aqui tudo desagua em Lisboa. Ora o Encontro é no Porto, quando me telefonaram pensei que se tratasse de engano, não querem lá ver estes tripeiros a levantar a grimpá, honra lhes seja?

Devagarinho; com cautela e tecla do *delete* ao dedo de semear, não seja necessário esconder o crime. Namora com cinquenta hoje. As cidades. A minha. A perder habitantes, demandada manhã cedo por gente trabalhadora que à noite vai embora, não dorme cá (vou ter de arranjar outra expressão, esta é prima direita dos “subúrbios-dormitórios” dele...). Invasa por turistas que deixam dinheiro precioso, mas sem perceberem incitam ao assédio às habitações - perdão!, aos lares - de gente envelhecida e solitária, não menos valiosa do que os cifrões. Sem dinheiro a cidade passa mal, sem as pessoas deixa de existir, lembro queixume de taxista - até as listas dos restaurante vão ficando todas iguais; sem alma própria.

Evito os desequilíbrios morais, areias movediças, até a Igreja neles se atola, acaba de se declarar “imprudente” por apelar ao voto num partido populista de Direita. O mal está feito, mas é apagado, por razões estratégicas à esquerda ninguém acende a voz da indignação, a Direita lamenta baixinho, todos rumam à feira seguinte em busca de votos, numa estratégia eleitoral paleolítica. Fico-me pelos terramotos sociológicos. Gente que procura na cidade algum desafogo, outra dela expulsa por alugueres incomportáveis, ambos os grupos deixaram locais de convívio, redes de suporte social de valor inestimável para saúde inteira - aqui posso citar estudos sobre mortalidade que não existiam no tempo dele... - e mergulham em ritmo e competição infrenes, vivemos tão depressa que não agimos; reagimos. Não conhecemos os outros; passamos por eles. Nas ruas e praças, nos elevadores, “vive cá ou é visita?”, pouco importa, nenhum de nós vai parar.

(Posso até ensaiar um *petit jeu* de mots com os arribadiços, troco-os pelos arrivistas que ele tão bem conhecia e se vêm multiplicando, terreno fértil e sementes de ambição desmedida; não sou especialista em agricultura, mas desconfio que são possíveis várias colheitas ao ano.)

Importante será sublinhar que a desagregação das tribos se agravou de um modo trágico, ele tinha razão em escrever “a família prolongada nos...” ...Outros!, ligados por afectos e solidariedades, se calhar resisto a dizer que o sangue não garante nada, há mais de trinta anos que massacro audiências com a evidência que todos já experimentaram na pele. Também não digo que um dos meus netos perguntou há muito tempo o que era uma tertúlia e eu imaginei o calafrio de meu Pai no Céu laico dos republicanos. Facto é que essas cumplididades asseguram a persistência da memória – podia mostrar o quadro de Dalí, mas receio que fosse interpretado como novo-riquismo cultural –, não na sua vertente “fotográfica”, de resto enevoadada por falhas mnésicas e sentimentos metediços, mas na de fundação radicular que permite as costas direitas da árvore da identidade e a tecedura que assegura a sobrevivência das lendas familiares e culturais. Sem essa base o futuro será órfão; incerto; perigoso.

E o futuro está nas mãos dos jovens. Alguns fazem greves salientando a inércia dos mais velhos face às modificações climáticas – chama-se a isto falta de solidariedade vertical... –; outros bebem shots que possibilitam o aparecimento de cirroses alcoólicas antes dos trinta, idade inimaginável há um par de décadas; muitos adaptam-se a geografias familiares pós-modernas ou a “lares” em que reinam silêncios pesados; não poucos têm sexo mais fácil e continuam a experimentar a agonia de paixões deradeiras antes das outras. Todos são chamados de adolescentes por uma sociedade que cada vez mais justifica o mesmo adjectivo, os neurologistas já colocam a fasquia da maturidade nos 24, os psis desesperam com a sua ausência em não poucos sexagenários.

Os mais velhos... Olhados com indulgência e até desprezo pelos que manejam sem problemas Excel ou Smartphones e idolatram tudo o que cheira a juventude, desde o ritmo de vida à beleza física. A sociedade de consumo percebeu-o e não nos ensina a envelhecer bem, tenta vender-nos ideologia e produtos que mascarem o passar dos anos, o elixir da eterna juventude é o Santo Graal à venda em lojas de cremes, ginásios e sessões de *coaching*. Sageza é palavra que não tem lugar entre as da moda – pró-actividade; resiliência; adrenalina; inteligência emocional. Para muita gente não envelhecemos; somos velhos. E por isso destinados ainda a *tricot*, dominó ou, quando muito!, a ser motoristas de netos tão afogados em actividades extra-curriculares que perderam o hábito de brincar.

Felizmente, ele não partilhava um pessimismo que sinto crescer dentro de mim e combato o melhor que posso, rosno que “*c’est bien plus beau lorsque c’est inutile*”, como bramava o louco de nariz e alma grandes. Ouçamos Namora: “Para concluir, Miguel: lembraste que, numa noite, uma estrela se riu *de* ti. Teria preferido que disseses que essa estrela se rira *para* ti. Em 1033, uma vez apagados os receios do fim do mundo no ano 1000 (os tais milenaristas), também Raoul Glaber escrevia: “O céu começará a rir-se, a aclarar-se e animar-se-á de ventos favoráveis”.

Num céu que ri, são esses os ventos que vos anuncio”.

Como tinha razão! Nem estrelas nem seres humanos deveriam jamais rir de..., mas para... e com..., não é só na Medicina que a capacidade de empatia se transformou em grave problema. Quanto aos *millennials* de agora, também chamados nativos digitais, não anunciam o fim de um mundo porque já nasceram noutra. Têm o globo inteiro ao alcance de uma tecla e, às vezes, o fim do mês a anos-luz de distância, de tão mal pagos.

Céus risonhos, ventos fagueiros, aliso o cenho, junto-me a ele, atravessamos a ponte, quedamo-nos, deliciados na contemplação do Porto, do Douro e dos que nos continuam,

“Gaspar e Tiago!!!!,
deixo-vos um livro do bisavô, o autor pregava a esperança.”

Missão terminada, que não cumprida; ele perdoa. Recordo-lhe o seu prémio de pintura em 1938 e ofereço-lhe por modelo a Pena Ventosa e com ela a cidade - granítica, banhada por uma luz que vem do Norte como o vento, jamais traindo quem adoptou, mas implacável para os que a abandonam por ambicionarem côdeas do poder que caíam de mesas do Terreiro do Paço. Ele enxota o desafio com gesto distraído, “Machado Vaz, agradeço-lhe a oportunidade de regresso breve aos sentidos, mas por isso mesmo lhe peço que me deixe gozá-los em paz. Aceite um conselho - faça-o também, não escreveu um dia que morrer é não parar?”. Quando desperto de surpresa encantada - conhece um texto meu, os desígnios do Acaso e da Bondade são imperscrutáveis! - ele trauteia melodia a ambos querida, sorri e junta-lhe os versos majestosos, poema feito para a sua idade de então e agora, “*on arrive à la Cinquantaine/ moitié sage, moitié fou...*”.

Precipito-me sobre a oportunidade de parecer menos soturno e entoo os versos finais, “*Et on repart vers la centaine, / Un demi-siècle dans les reins / Avec tout juste la moyenne / À notre devoir de terrien / Comme elle est lointaine, la rive / Où l'on se couchera un jour / Il reste tant et tant à vivre / Qu'on pourra faire un long détour / Si tu veux, mon amour*”.

E alucinando a voz de Reggiani, continuamos este diálogo em Setembro, numa complicitade silenciosa que me honra.

Ele não chegou aos setenta por uns meses, a mim faltam-me alguns para os atingir, nenhum de nós será centenário. Mas ambos continuamos disponíveis para desafiar a linha recta e o tempo dos relógios para nos perdermos por atalhos com nomes apelativos - Justiça, Solidariedade, Futuro.

Ou amor. Com minúscula. Por ser real; vivido; nosso.

Nota

* Júlio Machado Vaz Médico psiquiatra e professor universitário aposentado do ICBAS, onde regeu Antropologia Médica. Participou em vários programas de televisão e de rádio, desempenhando um importante papel na luta contra a discriminação, a homofobia e muitos outros preconceitos enraizados na sociedade portuguesa. Mantém há anos, com a jornalista Inês de Menezes, o programa de rádio *O Amor é...* (Antena 1). É autor de um vasto conjunto de obras que vão desde ensaios no âmbito da psiquiatria e sexualidade a textos literários de natureza diversa, desde o romance e a crónica a narrativas de teor (pseudo)autobiográficas.